

[Introdução]

Sejam bem-vindas e bem-vindos ao Cultura Circular em Conversação, uma série de entrevistas em áudio que explora arte, cultura, ecologia e mudanças climáticas. Você já imaginou festivais na América Latina e no Caribe que brilhem não apenas por sua criatividade, mas também pelo impacto positivo no planeta e pelas conexões culturais que geram? É exatamente isso que promovemos através do programa Cultura Circular, desenvolvido em colaboração entre o British Council e Julie's Bicycle. Apresentamos primeiramente uma breve introdução ao projeto com María García Holley e Graciela Melitsko-Thornton, seguida por uma conversa de Paola Moreira Blasi com os organizadores de dois festivais que, por meio da música, do design participativo e de percursos urbanos, visualizam oportunidades, assim como evoluções na área da sustentabilidade.

Nos acompanharão nesta jornada Juan Ernesto Murua Palacio, da Bienal de Música em Córdoba, Argentina, e LuisRa Bergolla, do Festival Itinerando em Caracas, Venezuela. Muito obrigado, passo agora a palavra à María.

[María]

Bem-vindas e bem-vindos ao Cultura Circular em Conversação, um espaço para explorar como a cultura e a sustentabilidade podem transformar festivais e práticas artísticas na América Latina, no Caribe e no Reino Unido. Sou María García Holley, diretora de Artes e Cultura do British Council para as Américas e o Caribe. O Cultura Circular nasceu em um contexto pós-pandemia, quando os festivais buscavam recuperar sua vitalidade após a pausa global, enfrentando ao mesmo tempo o desafio inevitável das mudanças climáticas.

Este programa conecta festivais presenciais, digitais e híbridos da região com o Reino Unido, promovendo um intercâmbio cultural que vai além do artístico. Por meio de mentorias com especialistas, apoio financeiro e a integração de práticas sustentáveis, o Cultura Circular impulsiona novas formas de criar e viver a cultura com responsabilidade ambiental. Com mais de 110 festivais em 75 cidades, construímos uma rede de projetos comprometidos com a sustentabilidade e a inovação.

Graças à formação e ao acompanhamento oferecidos aos nossos parceiros, promovemos melhores práticas para reduzir o impacto ambiental da indústria cultural. Neste podcast, exploraremos experiências, desafios e inspirações daqueles que estão transformando o setor cultural. Acompanhe-nos nesta jornada.

[Graciela]

Muito obrigada, María. Eu sou Graciela Melitsko-Thornton, falando da Julie's Bicycle em Londres, uma organização sem fins lucrativos dedicada a mobilizar os setores da arte e da cultura diante da crise climática, da natureza e da justiça. Especificamente no Cultura Circular, nosso papel se concentra na concepção de atividades de capacitação, mentorias e

colaborações em rede, acompanhando assim os festivais em suas ações ambientais. Estou muito feliz por poder compartilhar, por meio dessas entrevistas em áudio, as experiências de alguns dos festivais que participaram das atividades deste programa, que, sem dúvida, conjugam a criatividade com o cuidado ambiental, promovendo novas práticas e marcando marcos importantes na construção de um futuro alternativo, tanto em termos ecológicos quanto sociais.

Convidamos vocês a ouvi-los. Muito obrigada e até breve.

[Paola]

Olá a todos, sejam bem-vindos a este podcast onde falamos sobre cultura circular. Sou Paola e hoje estou acompanhada por LuisRa, da Venezuela, e Juan, da Argentina. Olá para vocês dois, como estão?

[Juan]

Olá, bom dia, boa tarde a todos. Muito obrigado pelo convite.

[LuisRa]

Obrigado, Paola, pelo convite.

[Paola]

LuisRa, para começar, você poderia nos contar sobre o seu festival e o trabalho que realiza lá?

[LuisRa]

Bem, o trabalho que temos feito em Caracas tem um histórico importante. Antes mesmo de assumirmos o desafio de criar um festival de percursos urbanos que combinasse diferentes formas de mobilidade sustentável, já estávamos trabalhando em um programa social chamado Caracas en 365.

Através desse programa, que busca gerar experiências urbanas de interpretação do patrimônio, queríamos não apenas abordar a questão da identidade e do pertencimento, mas também explorar como a reocupação do espaço público poderia nos ajudar a perder o medo da cidade. E falo em medo da cidade porque é importante lembrar que Caracas já foi classificada não apenas no nível nacional e latino-americano, mas também mundialmente, como uma das cidades mais violentas do mundo.

Isso definitivamente mudou a maneira como interagíamos uns com os outros e com os espaços públicos. Os percursos e as experiências de interpretação do patrimônio nos permitiram iniciar um processo de resiliência, criando conexões entre comunidades e nos aproximando de áreas

que antes estavam abandonadas ou isoladas por serem focos de violência. Dessa forma, conseguimos exercer nosso direito à cidade.

Com essa experiência acumulada—já de 10 anos de trabalho—sentimos que estávamos prontos para dar o próximo passo e criar um festival que integrasse espaço público, patrimônio e mobilidade sustentável.

[Paola]

Juan, e no seu caso, como é o festival em que você trabalha e o que o torna único?

[Juan]

Nosso festival se chama Bienal de la Música. É um festival relativamente jovem, e agora estamos preparando sua terceira edição.

Como uma Bienal da Música, é algo bastante inovador, pois não há muitos precedentes—nem no país, nem no mundo. Existem outras bienais, mas voltadas especificamente para a música, há poucos registros. Isso nos deu a liberdade de explorar conexões transdisciplinares com outras formas de arte.

A primeira edição aconteceu quando estávamos saindo da pandemia, e aqui na Argentina tivemos uma quarentena muito rigorosa. Quando as restrições foram suspensas, os espaços públicos ganharam um papel central.

Por isso, como princípio orientador do festival, decidimos levar todas as atividades para a cidade—levando performances a locais que tinham potencial para receber eventos culturais, mas que estavam esquecidos ou marginalizados, seja por questões de segurança ou falta de uso. Identificamos esse potencial e focamos nisso.

Para conectar essa proposta ao espaço público, criamos um programa especial dentro da Bienal chamado Suenla Ciudad, que eu dirijo. Através de diversos workshops e parcerias com faculdades de Arquitetura, Design Industrial, Artes, Cinema e Música, fizemos a curadoria dos espaços onde ocorreriam as apresentações da Bienal de la Música.

Os eventos foram além dos shows—transformaram-se em experiências teatrais, exposições de filmes, performances de dança e intervenções artísticas. O espaço público abraçou essa diversidade de atividades, tornando-se o eixo central da segunda edição e agora da terceira que estamos planejando.

Outro ponto central da Bienal é a democratização do design, da arquitetura e dos recursos técnicos como som e iluminação. Aqui na Argentina, cerca de 80% dos eventos culturais acontecem em espaços públicos, mas devido à burocracia e aos atrasos nos pagamentos pelo Estado, esses eventos costumam ser realizados com equipamentos de baixa qualidade.

Portanto, a missão da Bienal é democratizar o design e as práticas artísticas, trazendo-as para a cidade. A essência da Bienal é transformar a cidade em um grande palco.

[Paola]

Seu festival tem um forte foco na sustentabilidade. Como surgiu esse interesse e quando isso se tornou uma parte essencial do projeto?

[Juan]

Acho que, no início, muitas das práticas sustentáveis do nosso festival surgiram da falta de recursos e da necessidade de reinventar a forma como os festivais e eventos eram organizados aqui. Quando começamos a nos envolver com o Cultura Circular e participar das mentorias, percebemos que muitas das ideias que estávamos desenvolvendo já se encaixavam nesse conceito.

Por exemplo, realizamos um evento dentro do Cultura Circular na Legislatura de Córdoba. O local é totalmente equipado com sistemas de som e tecnologia multimídia, mas nunca havia sido usado para música ou teatro—apenas para funções parlamentares.

Essa experiência nos fez perceber o potencial de utilizar espaços que já estão prontos e não exigem camadas extras de equipamentos técnicos ou cenografia para serem adaptados. Em vez disso, buscamos lugares projetados para uma função específica, mas que poderiam tranquilamente acomodar outras atividades.

Na primeira edição do festival, também organizamos um workshop com cerca de 100 participantes, entre arquitetos, designers industriais e artistas. Eles foram divididos em três equipes, cada uma responsável por projetar um palco. Mais tarde, tiveram a opção de participar do processo de construção. A ideia era construir os palcos com materiais reciclados ou, quando novos materiais fossem necessários, pensar em um design que favorecesse a reutilização.

Essa primeira edição também deu origem ao nosso banco de materiais—um acervo de materiais e equipamentos adquiridos para a Bienal, que agora está disponível para qualquer produção independente ou não que precise deles.

Para a primeira Bienal, escolhemos locais em áreas degradadas da cidade, mas que tinham um enorme potencial. Um exemplo é o Parque Sarmiento, um dos maiores parques de Córdoba, que possui uma ilha no centro. Originalmente, a ilha era usada para eventos públicos, mas com o tempo caiu em desuso por causa de uma ponte que a conecta ao resto do parque. As autoridades consideravam a ponte insegura para grandes públicos.

Como parte do projeto, realizamos uma auditoria da ponte em acordo com as autoridades locais, fizemos a manutenção necessária e a reabrimos. Desde então, já foram realizados mais de 400 eventos na ilha.

A sustentabilidade se tornou parte essencial da nossa identidade quando começamos a colaborar com o Cultura Circular—foi um verdadeiro momento de transformação para nós.

[Paola]

LuisRa, e no seu caso, o que levou vocês a integrar práticas sustentáveis no festival e como isso evoluiu desde então?

[LuisRa]

Nosso programa Recorridos Permanentes—uma iniciativa social focada na reocupação e interpretação dos espaços públicos—já nos havia preparado para criar experiências sustentáveis.

Nesse contexto, as rotas a pé se tornaram nosso método preferido, pois permitiam que os cidadãos remapeassem os espaços públicos e fortalecessem sua conexão com o patrimônio cultural. Isso se intensificou com a chegada da COVID-19 e as medidas de distanciamento social.

Caracas já vivia um distanciamento urbano, e a pandemia adicionou um distanciamento social. Quando as restrições terminaram, começamos a buscar formas de recuperar nossa presença na cidade.

A pandemia trouxe mudanças inesperadas para Caracas—bicicletas voltaram a ser usadas, empresas privadas começaram a alugar patinetes elétricos, e serviços como o Uber, que haviam sido suspensos devido à crise econômica, foram reativados.

Percebemos um crescimento dessas novas mobilidades sustentáveis, que podiam complementar o trabalho que já estávamos desenvolvendo. Para nós, a sustentabilidade é uma extensão do nosso compromisso com a ocupação dos espaços públicos pelos cidadãos.

[Paola]

Muito interessante tudo isso, LuisRa. Conta para nós, com o passar do tempo, de que forma vocês fortaleceram o enfoque sustentável do Itinerando e quais mudanças implementaram ao longo desse caminho?

[LuisRa]

Entendemos que precisamos continuar avançando, mesmo que queiramos trabalhar com outras formas de mobilidade. O eixo central continua sendo a mobilidade a pé, pois ela nos permite continuar lutando pelos direitos dos pedestres, que são extremamente desafiadores em Caracas. Por exemplo, o direito a uma calçada adequada—para os pedestres.

Não queremos apenas que as calçadas estejam livres de obstáculos, mas também que tenham infraestrutura urbana que garanta o direito de caminhar livremente pela cidade. Queremos calçadas mais largas, até maiores do que as faixas de veículos, livres de barreiras e equipadas com elementos como pisos podotáteis, que permitem que pessoas com deficiência visual se movimentem com mais autonomia, sem precisar de assistência.

As calçadas de Caracas não possuem essa qualidade. Elas estão cheias de obstáculos, desde placas de sinalização urbana e quiosques até raízes de árvores que impedem um trajeto contínuo. E, mais recentemente, depois da COVID, vimos uma tentativa de criar ciclovias que foram instaladas nas calçadas dos pedestres.

O problema é que bicicletas têm uma velocidade diferente dos pedestres—elas não podem compartilhar a mesma calçada. Elas devem circular junto aos veículos.

Caracas está dividida em cinco municípios, e no maior e mais populoso, todo o desenvolvimento das ciclovias foi feito sobre as calçadas. Então, enquanto deveríamos estar discutindo soluções para cidades inteligentes e a incorporação de tecnologia, ainda estamos lutando por direitos básicos do século XX.

Em Caracas, os percursos a pé não são apenas atividades de lazer—são uma forma de protesto. É uma maneira de dizer: “Estamos aqui. Queremos infraestrutura melhor, calçadas melhores, porque estamos exercendo nosso direito de circular como pedestres.”

Isso tudo em um contexto onde a mobilidade na cidade ainda é amplamente dominada por carros particulares e transporte movido a gasolina.

[Paola]

Juan, no caso da Bienal, como esse enfoque sustentável evoluiu ao longo das edições? Quais transformações vocês incorporaram?

[Juan]

Bem, algo que foi incorporado nas edições sucessivas—e nesta edição que estamos planejando—tem muito a ver com o que o LuisRa mencionou.

Nós nos associamos a diversas organizações que lutam pela acessibilidade universal da cidade aqui em Córdoba. Um dos grupos mais importantes com quem trabalhamos se chama

Juntas por el Derecho a la Ciudad, um coletivo de mulheres—incluindo arquitetas, designers e advogadas—que defendem o direito à cidade.

Nós contamos muito com esse grupo para garantir que todos os eventos da Bienal sejam acessíveis—tanto as intervenções no espaço público quanto os eventos convencionais. Também queremos deixar um legado, realizando testes e experimentos sobre mobilidade, integração com o transporte público e o uso das calçadas—como o que o LuisRa mencionou.

A cada edição, adicionamos uma nova camada de aprimoramento. Também fortalecemos muito nossas parcerias com o Ministério do Meio Ambiente e órgãos responsáveis pela coleta e processamento de resíduos para facilitar a reutilização de materiais.

Atualmente, estamos desenvolvendo, junto ao Ministério, uma certificação para eventos sustentáveis. O problema é que muitos eventos afirmam ser sustentáveis, mas na prática não são.

Por exemplo, há um evento que usa quase um quilômetro de telas de LED e recebe o selo de “evento sustentável” apenas porque usa um gerador de biodiesel—sendo que outros 19 ainda são a diesel comum.

A questão é que ninguém questiona se realmente precisamos de um quilômetro de telas de LED. O pensamento sustentável precisa estar presente desde a concepção do evento.

É exatamente isso que tentamos abordar nos workshops que realizamos no início de cada Bienal. Nosso maior foco é a educação—adicionar novas camadas sobre como conviver com a cidade, com os cidadãos e com os espaços públicos. Acho que é nessa área que a Bienal mais evolui.

[Paola]

E, nesse sentido, que transformações vocês perceberam na comunidade a partir do festival?

[Juan]

Bem, uma das mudanças mais notáveis é como certos espaços que propusemos—que antes eram marginais no cotidiano da cidade—ganham protagonismo, sendo incorporados pela própria população.

A cidade, em si, é uma obra de arte—qualquer cidade, na verdade. O desafio é como enquadrá-la, como destacar certos espaços. O que percebemos é que a própria comunidade começou a fazer esse exercício—identificando e valorizando lugares antes ignorados.

Isso sempre foi muito apreciado no nosso trabalho. Além disso, observamos como eventos e outras atividades começaram a acontecer nos espaços que escolhemos para o festival.

[Paola]

LuisRa, e no caso do Itinerando, que mudanças vocês notaram na relação das pessoas com a cidade desde o início do projeto?

[LuisRa]

A primeira grande transformação foi interna. Pensávamos que nossas práticas já eram suficientemente sustentáveis, no sentido de que os percursos—sejam eles a pé, de bicicleta ou de patinete—emitiam poucas emissões poluentes. Então, achávamos que a tarefa estava cumprida.

Mas, depois de entrar no Programa de Cultura Circular e, especialmente, participar das mentorias da Julie's Bicycle, percebemos que podíamos fazer mudanças paradigmáticas dentro da nossa própria equipe.

Antes, pensávamos que a sustentabilidade acontecia apenas no palco, diante do público. Mas a verdadeira transformação foi entender que nós, como equipe, podíamos planejar, projetar e executar nossos projetos de forma mais sustentável.

Ao acompanhar exemplos positivos durante as mentorias com Graciela da Julie's Bicycle, vimos como outras iniciativas bem-sucedidas encontraram soluções de baixo impacto econômico e ambiental para alcançar os mesmos objetivos.

Acredito que são as pequenas ações que, somadas, geram mudanças significativas.

[Paola]

Juan, e na Bienal, como a experiência no programa influenciou a forma como vocês organizam o festival? Houve algo em particular que tenha sido especialmente útil?

[Juan]

Sim, no começo, foi como descobrir um cenário que desconhecíamos. Tínhamos uma visão um tanto pré-definida sobre sustentabilidade e circularidade, como algo fixo.

Participar do programa, trocar experiências com outros festivais e receber mentorias ampliou enormemente nossa perspectiva. Isso nos fez parar tudo o que estávamos fazendo para repensar quase todos os aspectos da Bienal, com base no que aprendemos no Programa de Cultura Circular.

Na segunda edição da Bienal, desenvolvemos, dentro dos workshops, uma peça inflável feita totalmente de plástico reciclado. Esse elemento nos permite coletar dados sobre como o público interage com ele, como se comporta no espaço e como transita entre diferentes locais.

A peça cabe em uma Carry-On quando desinflada, o que reduz drasticamente os custos de transporte, tempo de montagem e necessidade de infraestrutura técnica.

Criamos essa peça para experimentar e testar locais, públicos e artistas, entendendo como eles funcionam dentro dessas novas lógicas.

Dentro do Programa de Cultura Circular, achamos interessante adicionar essa camada de pesquisa ao projeto. Enquanto apresentamos um show, também observamos como o espectador se torna parte da experiência—ele pode entrar na peça inflável, que também funciona como um elemento acústico, alterando as variáveis sonoras do ambiente.

Levamos essa peça para diversos locais de alto valor patrimonial em Córdoba, onde normalmente eventos não são permitidos. Mas, como essa estrutura não deixa rastros nem causa danos, conseguimos autorização para utilizá-la.

Os locais permitiam apenas 30 minutos de ocupação, e isso era o suficiente para montarmos, apresentarmos um pequeno show e desmontarmos tudo.

O projeto foi pensado para otimizar recursos em todas as etapas—desde a construção até a operação. Além disso, todos os equipamentos elétricos funcionam com energia renovável, usando baterias carregadas por energia solar.

Essa iniciativa surgiu diretamente da nossa participação no Programa de Cultura Circular.

Vimos que outros festivais tornavam o público protagonista, promovendo a conscientização junto às intervenções artísticas. Achamos isso extremamente valioso e quisemos incorporá-lo à nossa edição com o apoio do programa.

[Paola]

Que trabalho fantástico! Juan, na sua perspectiva, quais são os principais desafios ambientais e climáticos enfrentados pela Bienal?

[Juan]

Bem, aqui em Córdoba, e na Argentina em geral, ainda estamos muito atrasados em termos de sustentabilidade e gestão de recursos.

Esse é nosso maior desafio: mudar a mentalidade de patrocinadores e órgãos públicos. A cultura predominante ainda segue os modelos tradicionais, e, toda vez que propomos uma iniciativa sustentável, precisamos justificá-la várias vezes.

Nosso maior obstáculo é mudar esse paradigma.

Atualmente, estamos trabalhando para que toda a eletricidade usada na Bienal venha de fontes renováveis e biodiesel.

Estamos articulando isso com o Ministério do Meio Ambiente.

Também priorizamos eventos menores e mais controláveis, para monitorar indicadores de sustentabilidade de forma eficaz. Não queremos que a sustentabilidade seja apenas um rótulo superficial—queremos que seja algo mensurável e concreto.

[Paola]

LuisRa, e vocês, que desafios ambientais identificaram?

[LuisRa]

Infelizmente, na Venezuela, não temos estatísticas oficiais nem sistemas confiáveis de monitoramento ambiental.

Mas, com base em estudos passados e observações práticas, sabemos que o maior desafio ambiental do país está relacionado às emissões veiculares.

Somos um país petroleiro, então a gasolina é barata—mas também altamente poluente. Nem toda gasolina é igual; algumas são mais limpas, mas a que usamos aqui é uma das mais prejudiciais ao meio ambiente.

Essa cultura da gasolina barata gera um nível de poluição maior do que em muitos outros países.

As emissões industriais e a queima de lixo também impactam o meio ambiente, mas nada se compara à poluição gerada pelo transporte.

Além disso, a frota de veículos no país está envelhecida, o que agrava ainda mais o problema.

Como a eletricidade também é subsidiada—sendo produzida principalmente por hidrelétricas—os venezuelanos não enfrentam os altos custos energéticos comuns em outros países latino-americanos.

Isso levou a um aumento no uso de aparelhos de ar-condicionado, e quando ocorrem apagões devido à falta de manutenção, as pessoas recorrem a geradores portáteis.

Esses geradores não só contribuem para a poluição sonora e do ar, mas também alteram a estética de edifícios históricos, onde frequentemente são instalados.

Caminhar pela cidade, para nós, é uma forma de resistência.

Em Caracas, é comum que as pessoas usem o carro até para ir à padaria na esquina, porque a gasolina é tão barata que não pesa no bolso.

O carpooling, por exemplo, não faz sentido aqui, pois dividir custos de combustível não é uma necessidade econômica.

Vivemos como novos ricos, acreditando que o petróleo nunca acabará—e continuamos gastando sem pensar nas consequências.

[Paola]

LuisRa, cada festival tem sua própria forma de inovar, seja na relação com o espaço público ou na maneira como integra a sustentabilidade. Vocês consideram que a inovação é uma característica central do festival?

[LuisRa]

Ser inovador é um desafio, mas, sem dúvida, essa busca precisa estar presente o tempo todo na equação. Um dos aspectos de que mais nos orgulhamos na concepção da experiência do festival, e que tem uma forte carga de inovação, é a complementação dos percursos presenciais—independentemente do modo de deslocamento—com o que chamamos de Itinerários Sonoros.

São experiências digitais projetadas para plataformas como o Telegram, permitindo a criação de narrativas sonoras enriquecidas com arquivos multimídia.

Os Itinerários Sonoros foram pensados inicialmente como um complemento à experiência presencial, onde os participantes poderiam ouvir cápsulas narradas por especialistas—arquitetos, sociólogos, artistas—que reinterpretem um local, um espaço, um morador, uma figura histórica, ou qualquer elemento de valor para a comunidade. Além disso, essas experiências podem ser complementadas com mapas interativos e fotografias comparativas de antes e depois.

Mais tarde, descobrimos que corredores de maratonas utilizam um aplicativo que gera uma visão aérea do percurso realizado.

Nos baseamos nesse aplicativo para criar vídeos 3D que mostrassem o contexto dos percursos sonoros, permitindo que aqueles que caminhavam ou os que os acompanhavam de casa—seja por problemas de mobilidade ou por preferência—pudessem visualizar a experiência.

Além disso, a gravação do áudio dessas narrativas serve como um registro de memória. Desde o início, entendemos que nossas experiências eram efêmeras, então era essencial registrar essa memória por meio dessas narrativas orais ou complementá-las com duplas de cronistas urbanos.

O festival Itinerando contou com nove itinerários em diferentes trechos da cidade, reconfigurando Caracas sequencialmente de oeste a leste. Cada percurso foi guiado por um especialista no local, que também tinha uma preferência sonora ou de mobilidade específica, e foi registrado em parceria com nossos cronistas urbanos.

[Paola]

Juan, e na Bienal, qual é o papel da inovação?

[Juan]

O próprio formato da Bienal de la Música já representa uma inovação. Como não existem muitos eventos semelhantes, estamos constantemente trabalhando dentro de um modelo inexplorado.

Isso pode ser desafiador, mas também muito positivo, pois nos permite experimentar novas abordagens.

Um dos aspectos mais inovadores, na minha opinião, é a forma como estabelecemos parcerias com instituições e coletivos.

Isso não era comum antes. Quando tentamos participar de eventos no passado, antes da criação da Bienal, era muito difícil encontrar orientação ou colaboradores. Como passamos por essa dificuldade no início, tornamos isso uma prioridade dentro da Bienal, garantindo que essa rede de apoio fosse o mais ampla possível.

[Paola]

Como vocês acreditam que o festival contribui para o desenvolvimento social e cultural?

[Juan]

Percebemos que muitos dos artistas que participaram—seja no lineup do festival, nos workshops ou nas atividades de planejamento—começaram a incorporar certos princípios em suas próprias práticas.

Isso nos permitiu observar, em uma escala muito pequena, como essa transição para eventos mais sustentáveis e uma ocupação mais responsável das cidades está acontecendo.

Além disso, alguns artistas passaram a se preocupar com o impacto ambiental de suas apresentações, especialmente em relação à pegada de carbono.

Muitos agora escolhem em quais festivais participar com base em critérios de sustentabilidade. Através da Bienal e do acesso à informação, diversos artistas tomaram essa decisão.

Achamos isso muito interessante e também enxergamos como um legado—algo que pode ser trabalhado ainda mais no futuro.

[Paola]

Além da mobilidade sustentável, o Itinerando também convida a redescobrir os espaços públicos de Caracas. Como o festival está impactando a relação da comunidade com sua cidade e seu patrimônio urbano?

[LuisRa]

Uma das maiores satisfações no design deste festival foi a oportunidade de criar experiências—nove no total—cada uma apoiada por um modo específico de mobilidade.

Fizemos um estudo detalhado, não apenas considerando a presença de patrimônio significativo, estátuas e edifícios históricos, ou a influência de moradores ilustres em cada área, mas também analisando como cada segmento da cidade refletia uma vocação específica para a mobilidade.

A partir disso, desenvolvemos um processo curatorial de três níveis para fortalecer o senso de comunidade entre os participantes e os espaços percorridos.

O objetivo era localizar o patrimônio em áreas não turísticas ou vulneráveis, garantindo que a mobilidade se tornasse um elemento de suporte à experiência urbana.

Estamos muito satisfeitos que, para os caraquenhos, a mobilidade sustentável não seja apenas um meio de transporte, mas uma ferramenta para fortalecer sua identidade como cidadãos empoderados.

[Paola]

LuisRa e Juan, muito obrigada por esta conversa e por compartilharem o trabalho incrível que realizam em seus festivais.

[LuisRa]

Obrigado a você, e um agradecimento especial ao Julie's Bicycle e ao British Council por amplificarem nossas experiências e por nos permitirem conhecer mais de perto iniciativas vizinhas que temos grande interesse em explorar.

[Juan]

Muito obrigado! Estamos gratos por fazer parte deste repositório de informações, deste podcast, que podemos revisitar e que também pode servir a outros festivais ou a qualquer pessoa interessada em conhecer essas práticas.

Agradecemos imensamente ao Julie's Bicycle e ao British Council por criarem esses espaços.

[Paola]

Parabéns e até a próxima!